



Orquidário

Volume 18, número 2
Abril a junho de 2004

OrquidaRIO - Orquidófilos Associados



Diretoria Executiva

Presidente

Marlene Paiva Valim

Vice-presidente

Carlos A. A. de Gouveia

Diretores

Raimundo A. E. Mesquita -

Técnico

Paulo Damaso Peres - Admin.-

Financeiro

Sylvio R. Pereira - Rel. Comuni-
tárias

Conselho Deliberativo

Presidente

João Paulo de S. Fontes

Vogais

Carlos E. de Britto Pereira

Carlos E. Martins Carvalho

Eliomar da Silva Santos

Luciano H. M. Ramalho

Presidentes Anteriores

Eduardo Kilpatrick - 1986-87

Álvaro Pessôa - 1987-90

Raimundo Mesquita - 1990-94

Hans Frank - 1994-96

Carlos A. A. de Gouveia 1997-98

Paulo Damaso Peres - 1999-00

Hans Frank - 2001-02

Deseja-se permuta com publicações afins.

Artigos, textos e contribuições escritas de-

vem ser remetidos ao Editor, em disquete,

zip drive, cd, ou enviados por e-mail e, de

preferência, gravados em um dos seguintes

editores de texto: Page Maker, Word, Works,

ou outros compatíveis com plataforma

Windows. Os trabalhos aceitos aguardarão

oportunidade de publicação e os não aceitos

serão devolvidos caso o seu autor tenha re-

metido selos para postagem.

Fotos devem conter indicação do motivo e

nome do autor.

Propaganda e matéria paga devem ser reme-

tidas com 2 meses antes da data pretendida

para inserção, reservando-se a revista o di-

reito de rejeitar a publicação sem ter que ex-

plicar motivos.

O título Orquidário é de propriedade da Or-

quidaRIO conforme depósito e registro le-

gal na Biblioteca Nacional.

Qualquer matéria, foto ou desenho sem in-

dicação de reserva de direito autoral (ã), po-

dem ser reproduzidos para fins não comer-

ciais, desde que citada a fonte e identifica-

dos os autores.

Correspondência: OrquidaRIO

Rua Visconde de Inhaúma 134/428

20.091- 000, Rio de Janeiro, RJ

Tel.:(21)2233-2314 - Fax

(21)2518-6168

email:orquidario@orquidario.com.br

CONTRIBUIÇÃO ANUAL DOS SÓCIOS

Preços/Rates	1 ano/1 year	2 anos/2 years	3 anos/3 years
Filiação e contribuição anual	R\$70,00	R\$130,00	R\$190,00
Overseas Subscription Rates	US\$40.00	US\$70.00	US\$110.00
Via aérea: acrescentar R\$30,00/ano - By Air Mail: plus US\$20.00/year			

Orquidário

Revista da Orquidário

Índice

Editorial		40
Artigos		
Maria da P. Fagnani	<i>Epidendrum ammophilum</i>	41
L. C. Menezes	<i>Cattleya walkeriana</i> & <i>nobilior</i>	44
Raimundo Mesquita	O Nome da Planta - II	51
A. Ventura Pinto	Mirmecofilia - Final	57
Manuel de Soto	Quantas plantas por ano?	64
Publicidade	a partir de	70

Nossa Capa - *Houlletia brocklehurstiana*

Houlletia Brongn., 1841 Subfamília Epidendroideae, Tribo Gongoreae, Subtribo Stanhopeinae.

No Brasil, o gênero comporta somente duas espécies, a da capa, *Houlletia brocklehurstiana*, que é encontrada nas regiões altas da Serra do Mar e a *H. juruensis* que habita as pequenas matas de brejo nas cabeceiras do rio Juruena, no Mato Grosso.

A *H. brocklehurstiana* pode ser vista, com frequência, em altitudes de 600 m, como na Floresta da Tijuca, onde sobressai pela imponência de suas folhas e robustez de seus pseudobulbos. É terrestre, prefoliação duplicativa, inflorescência basal e habita barrancos onde suas raízes se misturam ao barro vermelho e à grande quantidade de detritos vegetais. Prefere locais sombrios com atmosfera saturada de umidade.

Seu cultivo não é difícil, sendo, entretanto, indispensável reproduzir as condições de seu habitat. Tanto em cativeiro como na natureza a floração – março/abril – não é constante, não se repetindo, necessariamente, a cada ano. A da foto foi a primeira após 4 anos de cultivo. A haste floral é curta para o tamanho da planta com até de 8 flores de 8cm de diâmetro por haste. Texto e cultivo de Paulo Damaso Perez.

Créditos das Ilustrações - Capa, Iren Dietrich. Páginas: 41/2, Maria da Penha Fagnani; 44/50, L.C. Menezes; 51/6, Raimundo Mesquita; 57/8, Sérgio M. Tadeu; 61, Sergio M. Tadeu; 64, Carlos Keler; 65, Raimundo Mesquita, 66, Ricardo Vieira Pinto, 67 a 69, Ezequias Abdo.

Na Encruzilhada

A OrquidaRIO está atingindo a maioridade, completando 18 anos, o que se reflete na numeração de Orquidário, volume 18, o que, também, tem um importante significado: a publicação não deixou de sair nesses dezoito anos de existência. Só os que conhecem a história, já muito rica de fatos e eventos, da nossa associação podem fazer uma avaliação do que isto tem representado de esforço e sacrifício, erros e acertos dos que tomaram a seu cargo a responsabilidade de chegarem até aqui.

Por traz do histórico de qualquer sociedade, seja ela orquidófila ou não, uma questão sempre se põe: por que?

Por que participar de uma associação de orquidófilos?

Por que ter tanto trabalho para editar uma revista orquidófila?

Por que cultivar orquídeas?

As respostas são muitas, mas uma sobressai, já que em associações como a OrquidaRIO não existe a idéia do lucro que, de há muito se sabe, é um dos motores do homem: por amor à beleza dessas tão mágicas plantas que nos enfeitiçaram algum dia e porque queremos disseminar o que aprendemos, sobretudo aqui, convivendo com os outros sócios e aprendendo com os mais experientes e, não raras vezes, também com os mais novos e inexperientes que, por isto mesmo, sua inexperiência, ousam ousar...

Mas, com o passar dos anos um dilema vai se pondo, como continuar se os quadros se renovam, a entidade cresce, estagna ou regride, os interesses vão mudando, enfrenta as crises que abalam o país?

A resposta é singela: tradição e renovação. Isto, aliás é o que tem marcado e caracterizado a OrquidaRIO, manter a sua identidade, mas não ter medo da mudança e saber adaptar-se aos tempos novos. É assim e por isto que já se fez tanto e mais se fará, se tivermos o apoio dos sócios e dos amigos, que nos dão os meios e a possibilidade.

Apoio, também, dos nossos anunciantes, melhor dito daqueles nossos amigos que sabem que suas mensagens publicitárias não conseguirão produzir um aumento, direto e imediato, de vendas, nem é este o propósito das inserções que aqui fazem.

O bom comerciante de orquídeas e de produtos correlatos é aquele que consegue perceber que está investindo conosco na formação de novos orquidófilos que irão se tornar seus clientes, com os conhecimentos aqui adquiridos que aumentam seu desejo de cultivar mais quantidade e melhor qualidade.

Por isto temos merecido a permanência de anunciantes que estão conosco desde o titubeante começo desta associação.

Eu diria que, além de velhos amigos, na divulgação dos seus produtos melhores, estão é patrocinando a permanência da OrquidaRIO. Os resultados que obtêm não se medem pelas vendas imediatas, coisa que nenhum anúncio faz, mas pela fidelização que se alcança pela constante exposição nas nossas página e com a formação de novos membros da confraria orquidófila...

Por tudo isto, o título desta crônica é **Encruzilhada**. Por que é nelas que se encontram os diversos e possíveis caminhos, que vem de lugares conhecidos e vão a outros ainda por explorar.

Raimundo Mesquita, o Editor

<http://www.orquidario.com.br>

Epidendrum ammophilum

Barb. Rodrigues

Maria da Penha K. Fagnani *

Abstract: *E. ammophilum* is a large rupicolous species which is native of the city of Rio de Janeiro. It was described by Barbosa Rodrigues (1883) from Copacabana beach sands but others collectors found it growing in

Praia Vermelha beach and Urca mountain. The specimen described here was collected for study, from the slopes of Sugar Loaf mountain by R. Pangella, painter and mountain climber, and was grown by us in our terrace fully



Foto e cultivo no terraço do apartamento da Autora

Epidendrum ammophilum



Epidendrum amorphophyllum. Foto e cultivo da Autora

exposed, protected only
during summer.

Subfamília

Epidendroideae

Tribo Epidendreae

Sub tribo Laeliinae

Distribuição geográfica — município do Rio de Janeiro; local de origem dado por Barb. Rodr. como sendo Copacabana; outros coletores citaram a Pedra da Urca e Praia Vermelha.

O exemplar aqui descri-

to, foi coletado para registro e estudo por R. Pangella (artista plástico e alpinista) em 22/06/95, crescendo como rupícola, no morro do Pão de Açúcar, cidade do Rio de Janeiro. Recebemos um “keiki” que floriu em cultivo no terraço do nosso apartamento em Botafogo em Se-

tembro de 2001; cultivado em vaso com xaxim exposto à luz do sol, com proteção somente no verão.

Descrição—Planta robusta com rizoma curto, caules múltiplos, eretos ou ligeiramente arqueados; o maior deles com 47 cm. de altura e 1 cm. de espessura. Folhas coriáceas alternas dísticas, elíptico oblongas, de base amplexicaule, com 9 cm. de comprimento por 3 cm. de largura, ápice ligeiramente emarginado e nervura única acentuada. Pedúnculo com 2 cm. de comprimento e racimo

com 7 cm., multifloro. Flores medindo 3,5 por 3,5 cm. nas maiores dimensões. Pedicelo e ovário medindo ao todo 4 cm. de comprimento. Segmentos patentes de coloração esverdeada. Sépalas de forma oblonga e ápice obtuso medindo 1,7 cm. de comprimento por 0,8 cm. de largura. Pétalas oblongo espatuladas com 1,5 cm. de comprimento por 0,5 cm. de largura máxima. Labelo branco esverdeado, trilobado, com lobos laterais divergentes e lobo mediano quase retangular, um pouco mais largo e bilobulado no ápice, medindo 2 por 1,5 cm. nas maiores dimensões. Coluna com 0,9 cm. de altura. Políneas quatro, lateralmente comprimidas, coloração esbranquiçada.

Polinizador — em *Epidendrum* a maioria das espécies são polinizadas por *Lepidoptera*, diurnos ou noturnos; no caso do *E. ammophillum* provavelmente por mariposas.

Bibliografia

1. Rodrigues, J.B. 1996

Vol. 18, nº 2, abril/junho de 2004

Iconographie des orchidées du Brésil. Friedrich Reinhardt Verlag, Basle 109-110 vol. 2, 296 vol.1.

2. Pabst, G.F.J. As orquídeas do Estado da Guanabara. Revista Orquídea, Julho/Agosto, 1966-242

3. Pangella, R. Ilustração de *E. ammophilum* Revista Natureza ano 13 nº 3, Abril 2000.

4. Faria de Miranda, Francisco E. L. & R. de Oliveira, Rogério. Orquídeas rupícolas do morro do Pão de Açúcar, Rio de Janeiro. Atas da Sociedade Botânica do Brasil, Rio de Janeiro, 1983.

5. Dressler, L.R. Phylogeny and classification of the Orchid family. Dioscorides Press, 1993-192.

*Rua das Palmeiras,
93 apto. 803.

Rio
de Janeiro, RJ.

CEP
22270-070

E-mail:

mfagnani@ccard.com.br



Cattleya walkeriana 'Aline Kuroda'

Um novo Livro de Lou Menezes: *Cattleya walkeriana* & *Cattleya nobilior*.

Ciente de que a cultura de um povo se meça pelos seus livros e suas bibliotecas e, ainda, que no âmbito da nossa flora de orquídeas, ricas publicações sejam, também, uma maneira de preservação de nossas plantas silvestres, um legado às gerações futuras, estamos compilando mais um novo livro, na poeira do sucesso do recente **Orquídeas do Planalto Central Brasileiro**.

Na verdade, trata-se de uma obra que há muito representa o anseio da comunidade orquidófila do centro-oeste brasileiro, como, também e notadamente, dos estados de Minas Gerais e São Paulo, nos quais essas duas joias da natureza ocupam lugar de destaque nas coleções e exposições.

O livro, tem previsão para sair do prelo nos primeiros meses de 2005 e, assim, ser apresentado aos aficionados destas catleias nas

exposições de maio e junho. Já contamos com um acervo de 220 “slides”, com espécies de *C. walkeriana* e *C. nobilior*, seus híbridos naturais e habitats, sendo grande o nosso empenho no sentido de ampliar o leque de variações morfocromáticas das flores.

Atualmente é grande o nosso empenho na revisão da literatura pertinente do passado envolvendo tais catleias, como também na elaboração de uma nomenclatura que defina o universo de suas variedades e formas.

Este artigo pretende chamar a atenção dos colecionadores, fascinando-os com algumas ilustrações e conclamando-os para possíveis colaborações neste estudo ambicioso, mais uma contribuição do Projeto Orquídeas do Brasil, do IBAMA.



Cattleya walkeriana Márcio Silveira



Cattleya nobilior



Cattleya nobilior 'Rubinho'



Cattleya Dolosa Alba (híbrido natural)



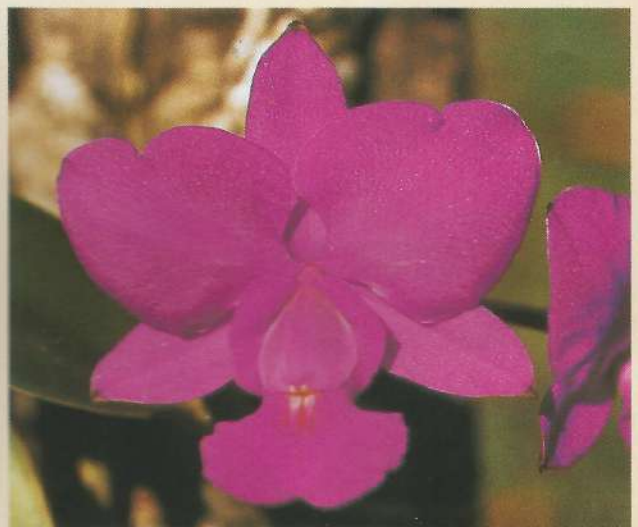
Cattleya walkeriana Alba 'Wisner'



Cattleya walkeriana Caerulea 'Celebridade'



Cattleya walkeriana Rosada



Cattleya walkeriana Rubra 'Feiticeira'



Cattleya walkeriana 'Daiane Wenzel'



Cattleya walkeriana Ayrton Sena



Cattleya walkeriana 'Tambarussi'



Cattleya walkeriana Rosea 'Thiago Jordão'



Cattleya walkeriana 'Marcio Silveira'



Cattleya x mesquiae (híbrido natural)

Regras e Práticas

Raimundo Mesquita

APÓS TER ESCRITO O TEXTO “O NOME DA PLANTA”, para o Boletim da CAOB (*), notei que havia avançado bem pouco sobre assunto tão extenso, rico e tão importante para nós orquidófilos.

Resolvi, então, que, tão logo tempo e engenho me permitissem, prosseguiria explorando o vasto terreno dos nomes, ou seja, do signo da existência de um membro da família, em suma, porque se chama

assim e não assado...

“Art. 16 - Toda pessoa tem direito ao nome, nele compreendidos o prenome e o sobrenome.”

A regra acima é do novo Código Civil Brasileiro, vigindo desde 11 de janeiro de 2003 e ela ilumina e instrui como deve tratar-se nomenclaturalmente a orquídea, como, de resto, toda e qualquer planta nova que é trazida para o reino vegetal.

Assim como a criança recém nascida que ganha um prenome e por sobrenome o nome da família que, nascendo, passa a integrar, a orquídea recém descoberta deve ter um “prenome” e um “sobrenome” que a distinga das demais plantas constantes da família Orchidaceae (o que, para o ser humano, seria gênero, para os vegetais é família e gênero é o que, entre nós, humanas gentes, é família...).



Laelia purpurata, *Sophranitis purpurata* ou *Hadrolaelia purpurata*?

(*) E sobre que recebi um amigável puxão de orelha do meu querido Oscar V. Sachs Jr., eterno editor e responsável pelo salto de qualidade daquela revista, posto que “minha impaciência” me teria feito publicar antes no Boletim da OrquidaRIO. Não notou o Oscar, porém, que, embora parecidos, os textos tem diferenças e que o que lhe remeti é o original, sendo o outro um socorro urgente contra um buraco de ausência de matéria...



Laelia purpurata,
Sophronitis
purpurata ou *Hadro-*
laelia purpurata?

Aqui, porém, acabam as semelhanças. Salvo circunstâncias muito excepcionais, você traz do nascimento e levará até a morte, o mesmo prenome e o mesmo sobrenome. Já

com planta nada assegura a permanência do nome.

Em algum momento um especialista recebeu uma planta de orquídea que ele, depois de examinar bem, concluiu que é um novo gênero. Vai então descrevê-la, ou seja, dar-lhe um prenome - gênero - e um sobrenome distintivo - que se chama de espécie em botânica. Ele pode ter-se enganado e ter descrito, de novo, uma planta já descrita e nominada (exemplificando: deu à planta o nome de *Cattleya leopoldi*, que, depois, se verifica que já tinha sido descrita como *Cattleya tigrina*). Ou, então, alguém descobre que o espécime que foi descrito como integrante de um gênero, na verdade, deve integrar um outro e assim o belo e sonoro nome que lembra uma das vestais, puras e castas, do imaginário e hagiografia de Roma antiga, *Laelia purpu-*

rata, a que nos habituamos e que incorporamos no nosso vocabulário afetivo, passa a ser outro, *Sophronitis purpurata* ou *Hadrolaelia purpurata*, desde que você aceite a reclassificação de Cassio Van den Berg, a primeira, ou de Vitorino Paiva e Guy Pichon, a segunda.

Mas nada mais variado e imaginativo do que a denominação de orquídeas.

Assim:

Nomes Descritivos

A maneira de denominar mais comum contém tentativa ou propósito de descrever as características principais ou algum aspecto predominante da planta.

Assim, por exemplo, o gênero *Oncidium*, que vem do grego *Ονκος* (caroço, protuberância, nódulo) ganhou, de Schwarz, este nome em razão dos nódulos que existem no labelo da flor e que formam desenhos que são absolutamente diferentes de espécie para espécie e funcionam como a impressão digital da planta. Outro exemplo, *Catasetum*, que também vem do grego e que faz menção, como todo mundo sabe, às antenas voltadas para baixo e que permitem segundo a sua disposição distinguir se masculina, hermafrodita ou feminina a flor.

E por aí vai...

As homenagens ou eu sou orquídeas e premiadas

O uso de nomes próprios para denominar um gênero é também prática muito difundida. Lindley ao descrever a *Cattleya loddigesii* homenageava, a um tempo, William Cattley e Mssrs. Loddiges, em cujas estufas floriu por primeira vez, aí por 1824, essa que tendo sido a primeira catleia a ser descrita se tornou flor tipo do gênero.

É desvanecedor para o homenageado ter o seu nome associado a uma planta que produz uma bela flor, sobretudo quando ela é alvo de premiações. Por isso aproveito a oportunidade para agradecer à casa Florália, Sebastião Nagase e Álvaro Pessoa, que as registrou, por terem dado o meu nome respectivamente aos premiados *Lc.* e *Den.* Raimundo Mesquita, como externo minha gratidão a Lou Menezes por ter descrito o híbrido natural que passou a ter como epíteto o meu epíteto de família *Cattleya* x *mesquitae* que, integrando duas linhagens de flores, *Cattleya walkeriana* e *C. nobilior*, apreciadíssimas no Brasil e pelo mundo afora seguem por aí ganhando prêmios de excelência...

Nomes de fantasia ou promotores de vendas

Dizia o linguista romeno Mathila Ghyka que a adoção de marcas e denominações em língua estrangeira, pelo efeito de distanciamento e mistério que sugerem, despertam o interesse profundo do leitor e ficam mais permanentemente na memória. Os comerciantes e produtores de orquídeas não são alheios a isso. Basta ver a enorme quantidade de plantas feitas, aqui no Brasil, que levam nomes estrangeiros, sobretudo em inglês e não apenas pelo fato de a língua inglesa ser a substituta moderna das línguas imperiais internacionais, como grego e latim.

Obtém-se, com isso, o efeito de distanciamento e magia que ajuda a vender porque o colecionador tem o seu interesse aguçado pelo nome.

Exemplos? De Rolf Altenburg, o fundador da moderna indústria brasileira de produção e comércio de orquídeas: *Potinara* Crimson Glory, nome que não teria o mesmo sabor se se chamasse *Potinara* "Glória Carmesim" ou "Carmesim Glorioso", fazendo destaque para o belíssimo tom de cor



Potinara Twenty Four Carat



Pot. Gold Digger 'Mandarin'

dessa flor.

Nomes Alusivos

Existem nomes que embora com a mesma função comercial de promover vendas aludem, também, para alguma característica da flor, como é o caso de *Potinara* Twenty Four Carat ou *Pot. Gold Digger* 'Mandarin' que, sendo ambas amarelo intenso, levam nomes, no primeiro caso, de ouro de 24 quilates e, no segundo, 'pirata dourado'.

Em outros casos e aproveitando uma notícia de impacto como foi a descoberta de constelações novas, constroi-se uma denominação alusiva, como se a flor tivesse características tais que lembrasse de alguma maneira aquele fenômeno, assim *Den. Alpha Centauri* e *Andromeda*

Nomes eruditos

A denominação também é usada como externamento de cultura, sendo nomes alusivos, por exemplo, à Música: *Bc. Pastoral* que remete à 6ª Sinfonia de Beethoven, *Bc. Turandot*, ópera de Puccini, *C. Adagio*, *Blc. Allegro*, um e outros movimentos de música erudita (nesses nomes ainda há um certo caráter descritivo já que as cores de uma são suaves como num adágio e, da outra, vibrantes como no allegro), *Phal. Arthur Rubinstein*; Artes: *Phal. Art Nouveau* Pintura: *Lc. Delft Blue Kahili* (azul que pretende ser como o conhecido azul de Vermeer de Delft), *C. Mona Lisa*, *Milt. Andy Warhol*, *C. Picasso*. Escultura: *Nefertiti*, *Milt. Aphrodite*. Literatura: *Milt. Alexandre Dumas*, *Bl. Nero Woolf*, *C. Simbad*, etc. Mitologia e História: *Den. Bacchus*, *Cym. Alexander The Great*.



Cattleya Midway, híbrido produzido por Álvaro Pessôa

Nomes interessantes:

A Florália, dos orquidários comerciais brasileiros é o que mais demonstrou fantasia e criatividade nos nomes de suas criações. Bom exemplo é a denominação dada à cruzada especulativa *Bc. Bet or Not*, de R. Altenburg, que, em português, significaria “Aposta ou Não”, em que se percebe um piscar de olhos brincalhão do velho criador que sabia que um cruzamento de *Bc. Pastoral* com *C. loddigesii* só podia dar certo... Sérgio Barani, uma espécie de sucessor de Rolf Altenburg, homenageou seu filho Bruno, com um belo cruzamento, *Bc. Bruno Bruno*, e Álvaro Pessôa registrou um cruzamento de *C. harrisoniana* x *C. loddigesii*, como *C. Midway*, querendo informar que ela floresce no meio do caminho entre a florada da primeira e a flo-



Sophronitis rosea ‘André’, planta que me deu Álvaro Pessôa, para ajudar-me a superar um dos momentos mais doloridos de minha vida, a perda de um neto.

ração da segunda.

No plano internacional, temos, por exemplo, *Blc. African Queen* que nos deixa na dúvida se o nome vem de cor escura da flor (como no *Epi. African King*, feito por outro produtor que não Stewart Inc., que fez a primeiro referida) ou se faz alusão a um belo filme de John Huston com este nome, que era o de uma pequena embarcação, estrelado por Humphrey Bogart e Katherine Hepburn (o registro coincide com a grande voga do filme...).

Outros: *Brs. Arania Verde*, *Dtps. Amigos para Siempre*, *Cym. Absolutely Fabulous*, *Cym. Angelica's Ultimatum* (sendo o caso de perguntar, qual teria sido o ultimato de Angélica?), *Phal. Dame de Coeur* e *Az de Pique*, de Vacheron & Lecoufle. *Cym. Ando-*

rinha, etc.

Notas de Lembrança

É muito comum que o nome cultivar de uma espécie funcione como lembrança e registro da origem daquela espécie. Isto explica certas denominações como *Laelia purpurata*, do 'Poço', 'Do Churrasco', 'Do balde', *Cattleya labiata* 'Ponta Negra', *Alcra*. Adventure in Equador, *Phal*. Argentina, etc.

Existem, também, associações

com momentos particulares da vida e das emoções do cultivador. Quem conheça a coleção de João Paulo de Souza Fontes vai encontrar nomes cultivares como *Cattleya loddigesii* 'Sonho Meu', *Cattleya labiata* 'Reis Magos' (provavelmente porque floriu pela primeira vez no dia 6 de janeiro).

Quem pode saber, senão o colecionador que momento interior determinou a escolha deste ou daquele nome...

Continuamos qualquer dia.



Promeneia stapelioides, planta de minha particular estima, tem, nos meus registros pessoais, o nome cultivar 'Represa Guinle', que me lembra um dos seus habitats.

A Mirmecofilia na família Orchidaceae.

Parte III: O Gênero *Schomburgkia* (*Myrmecophila*) Lindley

Antonio Ventura Pinto

Abstract: Our article does put emphasis on *Schomburgkia* species associated with ants and also emphasizing aspects related to the taxonomy of these plants.

Existem assuntos delicados, mas que não dá para um orquidófilo calar. Um deles é a ausência de menção de orquídeas em revista para orquidófilos. Os dois artigos anteriores desta série, sob um ponto de

vista ecológico pragmático, só abordaram aspectos especulativos da interação de formigas com orquídeas. Não há pelos textos desses artigos citações nominais de plantas mirmecófilas referentes. Faltam-lhes exemplos práticos do fenômeno. Com toda razão, nada mais insípido do que a ausência de citações sobre espécies de orquídeas numa revista de orquidófilos, diria os mais exigentes leitores de nossos artigos.

Não sem motivos, a síndrome desta abstinência edital pode levar muitos leitores a transtornos obsessivos compulsivos, estados mentais nefastos para portadores, com seqüelas à comunidade associada. Ainda bem que até agora não aconteceu nada disso na Orquidário.

Pois, em continuação ao tema desta série, esta terceira parte inicia "un petit resumé" de plantas reconhecidamente mirmecófilas, começando com o gênero *Schomburgkia* Lindley. Na família das orquídeas, este gênero é um dos grupos mais reconhecidos na



'Fig. 1 - Vegetal da seção *Schomburgkia*'

17 cm

interação com formigas. Outras plantas serão examinadas em artigos futuros.

Apesar de um grande interesse expresso na literatura ecológica, com um número razoável de artigos ao longo de muitos anos, pode-se dizer que a variedade de plantas atreladas às formigas pelo mutualismo (ajuda mútua entre espécies) não é um fenômeno comuníssimo pela família das orquídeas.

Na natureza, este fenômeno é restrito, compreendendo apenas algumas espécies distribuídas por cerca de vinte famílias de vegetais. Na família das orquídeas, a escassez de plantas de convívio com formigas se reduz a casos limitados, uma evidencia de que a co-evolução entre animais e plantas segue leis hiper-específicas e de sentido inexorável, sem quebra de continuidade. O mesmo ocorre na polinização de orquídeas por formigas, de casos muitíssimo restritos (ver Parte I desta série, Orquidário 17 (1) (2003)).

Mas nada se dá ao acaso. Há que haver condições naturais *sine qua non* nas plantas que favoreçam as interações com formigas. Neste aspecto, as domácias se constituem em uma destas qualidades comuns, que são formas anatômicas



'Fig. 2 - Vegetal da seção Chaunoschomburgkia'

foliares, pequenas estruturas encontradas nas faces inferiores de certas folhas, por exemplo, tufo de pêlos ou bolsas saciformes, que servem não só de abrigos às formigas, assim como a outros parasitas, por exemplo, os ácaros.

Dois outros distintos e incisivos aspectos vegetativos que favorecem o alojamento das formigas, principalmente em orquídeas, são os tufo abundantes de raízes e a forma cespitosa de algumas plantas (que nascem e (ou) crescem sobre si mesmas), formando touceiras, desenvolvimentos vegetativos que orquidófagas, uma atividade que costuma interferir mal no bom humor de expositores. Há ainda a suspeita de que formigas possam difundir fitopatologias, quan-

do transportam de um lado para outro patógenos agregados ao seu corpo, inclusive vírus. Talvez assim se dê a difusão de doenças em orquidários, que conjugado a horticulturas errôneas (por exemplo, uso de ferramentas contaminadas), são atividades que podem transformar um orquidário em um campo-santo da saúde. Outros insetos, os sugadores, bem podem contribuir para a transmissão de doenças. Estas possibilidades, apesar de lógicas, carecem ainda de estudos científicos aprofundados para a sua confirmação e (ou) total compreensão. No artigo anterior, Parte II, foi abordado outros aspectos negativos entre plantas e formigas.

Um grupo assaz conhecido na integração com formigas são as plantas do gênero *Schomburgkia*, um dos mais populares entre as orquídeas mirmecófilas.

Este gênero, pertencente à aliança das catléias, foi estabelecido em 1834 por Lindley, em homenagem aos alemães Sir Richard e Moritz Schomburgk (irmãos), que viajaram e coletaram plantas nas Guianas. Estes naturalistas também estudaram o comportamento de borboletas do Amazonas, notadamente impressionados com as nuvens

destes lepidópteros que na época sazonalmente pululavam este habitat. Não foi possível de se verificar se no reino dos insetos também há alguma homenagem de nomenclatura dedicada a estes pioneiros. Bem Merecem!

Em 1913, o botânico alemão R. Schlechter revisou o gênero *Schomburgkia*, dividindo-o em dois distintos grupos. Um de inflorescências não ramificadas e dotadas de brácteas extensas, em pseudobulbos que lembram catléias, porém de talos finos na base e folhas compridas (Figura - 1).

Este grupo, senso Schlechter, forma a seção *Schomburgkia*, contendo as espécies *S. elata*, *S. superbiens*, *S. lyonsii*, *S. splendida*, *S. weberbauerana*, *S. moyobambae*, *S. lludemannii*, *S. crispa*, *S. schultzii*, *S. undulata* e *S. wallisii*.

O outro grupo é dotado de pseudobulbos verdes amarelados característicos, cônicos ou cilíndricos intumescidos nas bases, encimados por duas ou três folhas curtas coriáceas (semelhante a couro, duras). Neste último grupo, os pseudobulbos, como já foi dito algures, tornam-se cavos (ocos) na maturação à velhice, com fissura na

base que possibilitam a penetração física livre ao seu interior de insetos ajustados ao diâmetro da entrada (Figura - 2).

O grupo forma a seção *Chauno-schomburgkia* (o prefixo *chauno* significa intumescido, em referência aos bulbos), compreendendo as espécies *S. tibicinis*, *S. brysiana*, *S. thompsoniana*, *S. galeottiana*, *S. exaltata*, *S. lepidissima*, *S. sanderiana*, *S. humboldtiana* e *S. wendlandii*, senso Schlechter.

A taxonomia do gênero *Schomburgkia* foi novamente reavaliada por Jones em 1968, que apresentou uma sinopse e grupos específicos, publicado na revista *Israel Journal of Botany*, volume 17, número 4, páginas 196-8 (1968). Infelizmente não foi possível de se encontrar esta revista nas bibliotecas disponíveis ao nosso alcance. Ficamos devendo aos leitores um comentário sobre a reavaliação feita por Jones.

Pelo que se conhece de observações de campo, apenas três espécies, *S. tibicinis*, *S. humboldtiana* e *S. wendlandii*, da seção *Chaunoschomburgkia*, são realmente reconhecidas em associações com formigas residentes nos seus interiores, ou todo ano, ou de

modo sazonal. Curiosamente, as demais plantas, apesar de terem condições de alojarem formigas nos seus pseudobulbos, não foram ainda flagradas de postarem esta associação no respectivo habitat. Talvez faltam mais acuidade e observações de campo para constatações nos casos suspeitas.

Em consideração às formigas, o orquidologista R. A. Rolf, em *Orchis Review* (1917), propôs que as plantas de pseudobulbos ocos da seção *Chaunoschomburgkia*, pela expressão anatômica à mirmecofilia, fossem elevadas à categoria de gênero próprio, propondo o nome *Myrmecophila*, sugestão até hoje ainda não universalmente aceito de todo pelos botânicos.

De vez em quando, sem maiores imprecisões, aparece na internet e em algumas publicações o nome *Myrmecophila*, ou como sinônimo de *Schomburgkia*, ou como gênero autônomo próprio. Válida ou não, a proposta de Rolf pela primeira vez empregou na taxonomia das orquídeas uma relação causal entre plantas e insetos como critério para vincular espécies vegetais dentro de um grupo afim. Infelizmente, não temos a certeza de que este pioneirismo taxonô-

mico nas orquídeas seja único em toda botânica.

Posteriormente, também não foi bem aceito a sugestão de rebaixar o gênero *Schomburgkia* a uma seção do gênero *Laelia*, feita por Williams (*Botanical Museum leaflets of Harvard University*, (1941)) e apoiado por Teuscher (1974). O orquidólogo H. G. Jones, na revista *Táxon* (1973), se postou frontalmente contra este reducionismo. Uma revisão minuciosa feita por Jones das características florais das seções do gênero *Schomburgkia*, levou-o a considerá-las bem distintas em relação ao gênero *Laelia*. Segundo Jones, a proposta reducionista feita por Williams, apesar de ressaltar características comuns entre *Laelias* e *Schomburgkias*, não sopesou porém, ou subestimou, detalhes dispare que bem distinguem estes gêneros entre si.

Aspectos bem característicos de *Schomburgkia*, tais como sépalas e pétalas onduladas, lóbulos laterais dos labelos abertos, deixando descoberto a coluna, não se harmonizam com as flores do gênero *Laelia*. Só o tempo, à luz de avanços futuros, dirá se a taxonomia do futuro acolhera ou não a redução de *Schomburgkia* a

uma seção do gênero *Laelia*. Dividir ou aglutinar, eis a questão central da taxonomia!

Não bastassem as pragas, as pobres orquídeas também são frequentemente fustigadas por mal olhadas e por ataques periódicos de verdadeiros *hackeres* botânicos.

Em geral, além de exemplos de mirmecofilia residencial crônica, as plantas do gênero *Schomburgkia* também são ocasionalmente visitadas por formigas coletoras de néctares amino-açucarados, extratos produzidos nas bases de bulbos, em hastes de flores ou de frutos, mas que não são insetos associados por moradia às plantas visitadas. São apenas formigas nômades à procura de vantagens nutricionais ocasionais. São insetos nômades rastreadores, não hóspedes orquidófilos.

Por caprichos da natureza, até onde se sabe, o gênero *Schomburgkia* não possui formigas como polinizadores, apesar de conviverem com elas por longo tempo. Por que nas plantas hospedeiras não se estabeleceu durante a evolução a fecundação por insetos que lhes são tão próximas?

Em uma outra peculiaridade deste gênero, algumas plantas apresentam formas florais peculiares, cujas

anatomias favorecem a decaída natural das próprias políneas por sobre a superfície estigmática, abaixo da coluna, mecanismo conhecido como autopolinização. Nesta condição, as plantas se auto-fecundam sem a necessidade de polinizadores externos.

De curioso, em algumas plantas de *S. crispas (gloriosa)*, dá-se a auto-fecundação com as flores ainda semi-fechadas, ou mesmo ocorrendo dentro do botão floral ainda encerrado, fenômeno conhecido por cleistogamia. Esta fecundação precoce impede a total abertura das partes florais à flores totalmente esplanadas (as flores murcham logo após a fecundação, não dando tempo à abertura).

Não sem motivo, as plantas cleistogâmicas representam para os orquidófilos uma frustração cultivar, que impede a observação total da beleza ornamental das espécies dotadas do fenômeno. Será que as milenares formigas guardiãs residentes, por serem agressivas e espantadoras de polinizadores visitantes, têm influencia favorável direta na evolução de plantas de genética voltada à auto-fecundação? A ausência ou diminuição de vistas externas de insetos poria as plantas polinizadas por estes vetores

em desvantagem competitiva. Esta é uma questão não ainda compreendida de todo na ecologia das orquídeas.

Muito embora de poucos exemplos, a documentação sobre orquídeas mirmecófilas representa para a humanidade páginas de leitura do alfarrábio da mãe natureza. Mananciais de sabedoria para o bom trato e preservação de plantas.

Não sem razão, a prática cultivar de orquídeas reconhece as dificuldades de se manter em orquidários plantas mirmecófilas coletadas. Este cultivo exige quase sempre cuidados especiais para o seu bom desempenho em locais não naturais. Talvez as dificuldades decorram de exigências nutricionais diferenciais das plantas mirmecófilas naturais, adaptadas ao longo do tempo ao lixo das formigas.

Uma abordagem científica sobre a influencia diretas das formigas na nutrição das orquídeas foi feita por Leonard Thiem (Universidade de Tulane, Nova Orleans, USA), que artificialmente criou formigas cativas com açúcar radioativo, seguido de alocação de seus cadáveres radioativos no interior de pseudobulbos de *Schomburgkia tibicinis*. Ao fim de 1-8 semanas, foi

possível de verificar que o conteúdo original da radioatividade das formigas mortas foi se espalhando por raízes, folhas e hastes, em um processo de absorção sistêmica. Embasado neste resultado, fica então evidente que realmente há um vínculo factual dos formigueiros residentes com a fisiologia das orquídeas hospedeiras.

Será que despojos de formigas podem se constituir em um seletivo adubo para orquidários? Eis aí uma pesquisa prática para o futuro! Quem pode duvidar de que a criação e o abate de formigas não pode vir a se tornar numa agropecuária lucrativa à exploração comercial de orquídeas? Tudo é possível no mundo amalucado de orquidófilos compulsivos. Não se pode amar e ser feliz ao mesmo tempo, quando se têm as orquídeas como objeto de desejo.

No próximo artigo, abordaremos outros gêneros mirmecófilos, com exemplares exemplos. Não esperem poucas surpresas, pois sempre as há em abundâncias em se tratando de orquídeas naturais. Se somente orquídeas já se constituem em um quebra-cabeça para a humanidade, o que não dizer da conexão delas com formigas!

De propósito, deixamos de

discutir no texto as espécies de formigas, distribuídas entre oito gêneros zoológicos, que são conhecidas de amíúde conviverem com o gênero *Schomburgkia*. Por consideração aos amigos orquidófilos, não quis estupificá-los com detalhes (um tanto) sórdidos. Menos mal para todos.

Bibliografia

- Patsy Webster. The Orchid Genus Book, A study Guide for the Orchid Family, USA (1992)
- Tom & Marion Sheehan. Orchid Genera Illustrated, Van Nostrand Reinhold Company, N. York, and Cincinnati. Toronto, London, Melbourne (1979).
- Robert Dressler. The Orchids, Harvard University Press (1981).
- R. Peacal. Interaction between Orchids and Ants, In Orchid Biology, Reviews and Perspectives, Vol. VI. Edited by Joseph Arditti, John Wiley & Sons, pages 105-134 (1994).

UFRJ, C. Postal 68035.

21944-971/RJ

VENTURA@nppn.ufrj.br

Quantas plantas você mata por ano?

Manuel Ortega de Soto

Tradução e adaptação autorizada, R. Mesquita

Você que me lê quantas plantas mata por mês, ou por ano? Não sabe? Então vou lhe ensinar um método bem confiável (melhor do que você ir fazendo e escrevendo um obituário, diário ou semanal).

Pegue um recipiente e vá estocando as etiquetas (desde que você use este salutar modo de saber e guardar o nome de suas plantas...) das plantas mortas que você incinerou ou jogou fora.

Ao fim do período que estabeleceu, você vai ter uma surpresa: ou são poucas as etiquetas e seu cultivo está bem, ou são muitas (está claro que você deve dar o clássico desconto,



Exemplo de planta bem florida: *Phalaenopsis Newberry Picotee* AM/AOS. Foto e cultivo Carlos Keler.

de 10%, para as eventualidades das etiquetas que se apagaram, das que você encontrou caídas no chão, etc....) e - atenção! -

você ou o seu tratador é um matador e é preciso fazer alguma coisa...

Antes, contudo, de se culpar de não ser um bom cultivador, procure responder a perguntas como:

- a) "será que as plantas que possuo são as mais adequadas para meu ambiente de cultivo?";
- b) "será que meu ambiente de cultivo é correto e adequado?";
- c) "será que não estou descuidando de certas regras básicas de cultivo?"

A estatística que estou lhe propondo não é uma brincadeira, mas um método muito prático de auto-avaliação. Eu o pratico como forma de controle - entre outras, é claro, de avaliar e aperfeiçoar o meu modo de cultivo e a qualidade do trabalho dos empregados que me ajudam, já que, como todo mundo, sou um cultivador de fim de semana, mas sou exigente, porque, a final de contas, as plantas, além de representarem um investimento

expressivo são cultivadas para um único retorno: viverem e, também, florescerem (mas esta já é outra história, que um dia conto...).

Os motivos para a mortandade, são vários:

1. Tratos culturais;
2. Condições locais:
 - i. local de cultivo;
 - ii. adequação do local às plantas a serem cultivadas;
3. Grau de conhecimento do cultivador.
- 4 Estado de ânimo do cultivador.
- 5 Outras circunstâncias (cultivo eclético, variados gêneros e espécies, com necessidades de cultivo diferentes, num mesmo local e submetidas a uma mesma forma de tratamento).

Tratos Culturais

Muito rústica, já que, como resultado do seu processo evolutivo, a orquídea deva ser considerada um prodígio de adaptação e aclimação, pois, para vencer as carências de meio ambiente pouco propício, teve que desenvolver técnicas especiais de sobrevivência, como, por exemplo, tornar-se epí-

fita, subindo em árvores para disputar luz e obter um pouco de alimento e de umidade desenvolvendo, para isso, sistema radicular especial e órgãos de armazenamento como são os pseudo-bulbos.

Precisamos ter presente, porém que a evolução deu-se ao longo dos tempos e que temos que oferecer a ela tratos culturais para suas necessidades atuais. Se não a tratarmos bem agora não terá futuro nem possibilidade de ir-se adaptando.

Considerada a pequena regra acima deve ter-se em consideração o fato de que a família Orquídea é enorme, bastando ver um esquema da família para concluir que, com tal quantidade e variedade, não há possibilidade de termos em nosso cultivo senão uma pequena quantidade de gêneros e espécies, aqueles que se ajustam estritamente



Cattleya Loddia (loddigesii x aurantiaca) é planta de fácil cultivo e própria para iniciantes. Aqui, exemplo de boa floração em cultivo e foto de R. Mesquita.



O *Catasetum* tem como particularidades de cultivo: um período mais ou menos longo de repouso e um período curto de estado vegetativo para florir. Por isso cultivadores, como Ricardo Vieira Rodrigues, autor da foto, tem adotado um sistema de plantio barato e eficaz como se vê na sua foto de um *Catasetum appendiculatum* forte e bem florido por ele cultivado. Para conhecer melhor o método leia no Boletim da Orquidário (Ano 5, edição 6, pag. 4) texto sobre o assunto de Luciano Ramalho.

te às nossas possibilidades de cultivo.

Não estou falando ainda em questões de clima e local de cultivo, digo que temos que ter consciência do que, com nossos conhecimentos atuais, podemos cultivar bem, ou seja, dar à planta o seu melhor estado de cultivo: raízes saudáveis, pseudobulbos plenos, folhas na tonalidade adequada (o que significa que lhes demos a intensidade correta de luz e atendemos às suas

carências nutricionais), limpas, brilhantes e sem marcas deixadas por pragas ou doenças, tudo o que se traduz em possibilidade concreta de termos uma boa floração.

Temos que levar em conta, também, que, para satisfação pessoal, cultivamos a maioria de nossas plantas em vasos, o que não deixa de ser uma violência com essa planta que, quando epífita, se acostumou a ter um sistema radicular ancorado no suporte escolhido (árvore, galho, pedra, etc) livre e exposto aos elementos, recebendo luz, molhando e secando segundo as variações do dia e da noite. Enterramos tudo, as raízes de aderência e as apenas aéreas, que têm um outro tipo de finalidade que não a de prender a planta no suporte a que ela se adaptou.

É necessário, pois, dispormos de um substrato que não leve à violência extrema de ser espesso, compactado e pouco poroso e que retenha umidade excessivamente.

Condições locais

Numa visão bem esquemática, penso que os dois aspectos mais importantes a considerar são o local em que se cultiva e sua adequação às plantas que estão sendo cultiva-

das para que se possa ter um cultivo minimamente aceitável e que traga ao cultivador a recompensa de floração compatível com o potencial da planta em cultivo.

Para ser menos abstrato: não há condição de cultivar corretamente plantas de altitude fria, como, por exemplo, *Masdevallia* e *Odontoglossum*, ao nível do mar em países tropicais ou nas regiões equatoriais, como não há possibilidade da prática inversa, como seria pretender cultivar na montanha plantas de clima quente e úmido, como *Vanda* e outras. Está claro que com instalações caras e sofisticadas existe, potencialmente, a possibilidade de fazer o que acabei de desaconselhar. Mas, para que, se se tem uma enorme quantidade de belas plantas perfeitamente adequáveis as locais disponíveis?

Grau de conhecimento do cultivador.

Regra básica de aprendizado e de prática de vida é a clássica que aconselha ao “sapateiro” não ir além de sua sandália, isto é, contenha-se dentro dos limites já atingidos de conhecimento de cultivo, pois pouco lhe adiantará adquirir e ter certas plantas que tem formas específicas de manejo cultural, sem

conhecer as necessidades específicas daquele gênero ou espécie.



Callista densiflora (ex *Dendrobium densiflorum*), tem exigências de cultivo parecidas com *Den. nobile*

Grande exemplo são certos *Dendrobium*, do tipo nobile, por exemplo, de que já lemos ou ouvimos dizer que tem as mesmas necessidades de luz e outros tratos como os dados a *Cattleya*. Ledo engano se formos por aí. Basta ver a questão da rega: *Cattleya* quando está se preparando para florir precisa de mais água. Já o *Dendrobium nobile* e seus descendentes, para florir bem tem que ter a rega suspensa cerca de três meses antes da época prevista de floração.

Estado de ânimo do cultivador.

Não é nada cabalístico falar em estado de ânimo do cultivador quando se está buscando algumas causas dos seus insucessos no cultivo de orquídeas.

Todo mundo sabe que cultivar orquídeas é algo que exige paciência, humildade e obstinação.

- a) Paciência para esperar os resultados do nosso tra-



A flor acima é resultado de um feliz cruzamento de *Sophronitis wittigiana* (syn. *roseum*) x *Laelia teretecaulis*, feito pela FLORÁLIA, de Sandra Odebrecht e Steve Champlin, ainda não registrado. Pela presença de duas plantas de altitude e clima temperado, não vai bem ao nível do mar em cidades como o Rio de Janeiro.

balho,

b) humildade de não achar que já sabemos tudo e que não há mais nada para aprender; e

c) obstinação para persistir quando os resultados não são os esperados e, também, para recomeçar, quando descobrimos que perdemos tudo por incúria, incompetência, ou quando descobrimos que temos que incinerar plantas porque estão infestadas de vírus e de outras doenças incuráveis, que se propagam com assustadora velocidade se não extinguimos os focos de contaminação.

Se há uma coisa que o orquí-

dófilo não pode se permitir é a preguiça, pois não dá para adiar tarefas tediosas e repetitivas, mas que são indispensáveis, como reenvasar na hora certa e não quando queremos e podemos, já que o plantio antes da hora significa atraso no crescimento e enfraquecimento geral da planta e, por outro lado, quando depois da hora, a degradação do meio de cultura é algo muito inconveniente para as plantas que, além do mais e como se sabe e chamei a atenção acima, são cultivadas de modo nada compatível com as condições naturais a que está secularmente ajustada.

Outras circunstâncias

Um dos mais comuns equívocos do cultivador iniciante ou mesmo mediano é pensar que pode manter uma coleção ampla e eclética, onde convivam gêneros que tem necessidades e formas de vegetar diferentes e, vezes, até incompatíveis.

É sempre bom ilustrar com exemplos e, por isto, vou repetir alguns, extremos.

Todo mundo sabe que *Phalaenopsis* é planta de lugares sombreados e úmidos, clima quente.

Sabe-se, igualmente, que determinadas *Cattleya*, as colombianas, por exemplo, são plantas de meia altitude, onde acontecem variações muito expressivas de temperatura entre dia e noite. Gostam de muita luz, mas florescem após os períodos dos chamados “dias curtos” (período invernal, quando as plantas recebem menos luz, porque o dia começa mais tarde e a noite mais cedo).

Fica fácil concluir que juntá-las num único local de cultivo e imprimir-lhes tratamento igual mais do que um erro, será um desastre...

Imaginem, então, se a isso se juntam certos *Oncidium* e *Odontoglossum* ou, ainda, *Paphiopedilum*, *Vanda* e *Phragmipedium*.



Den. x delicatum como boa quantidade de espécies do gênero gosta de substratos ácidos e um tanto degradados. Por isso não devem ser reenvasados com frequência.

Um experimentado cultivador nunca fará isso e é, mesmo, essa ciência que faz dele um experimentado cultivador, pois sabe o que dá para cultivar nas condições de cultivo que ele possui e, mesmo nessas, consegue saber qual o melhor lugar para aquela planta dentro da estufa. Arrumar uma estufa ou bancada parece, mas não é uma coisa fácil, pois o de que se cuida ali são vidas e vidas mais das vezes frágeis, a pesar da propalada rusticidade e resistência da orquídea, o que é verdadeiro no habitat a que ela se adaptou, não nas nossas estufas...

mdesoto@hotmail.com



Coelogyne cristata, como quase todas as espécies desse gênero são muito fáceis de cultivar, de crescimento muito rápido e generosa floração. Foto e cultivo Ezequias Abdo

**Conheça a nossa
nova coleção.**

CATÁLOGO
ARANDA
ORQUÍDEAS
2004



Blc. Samba Opera



*Blc. (Eve Marie Barnett x
Goldenzelle)*

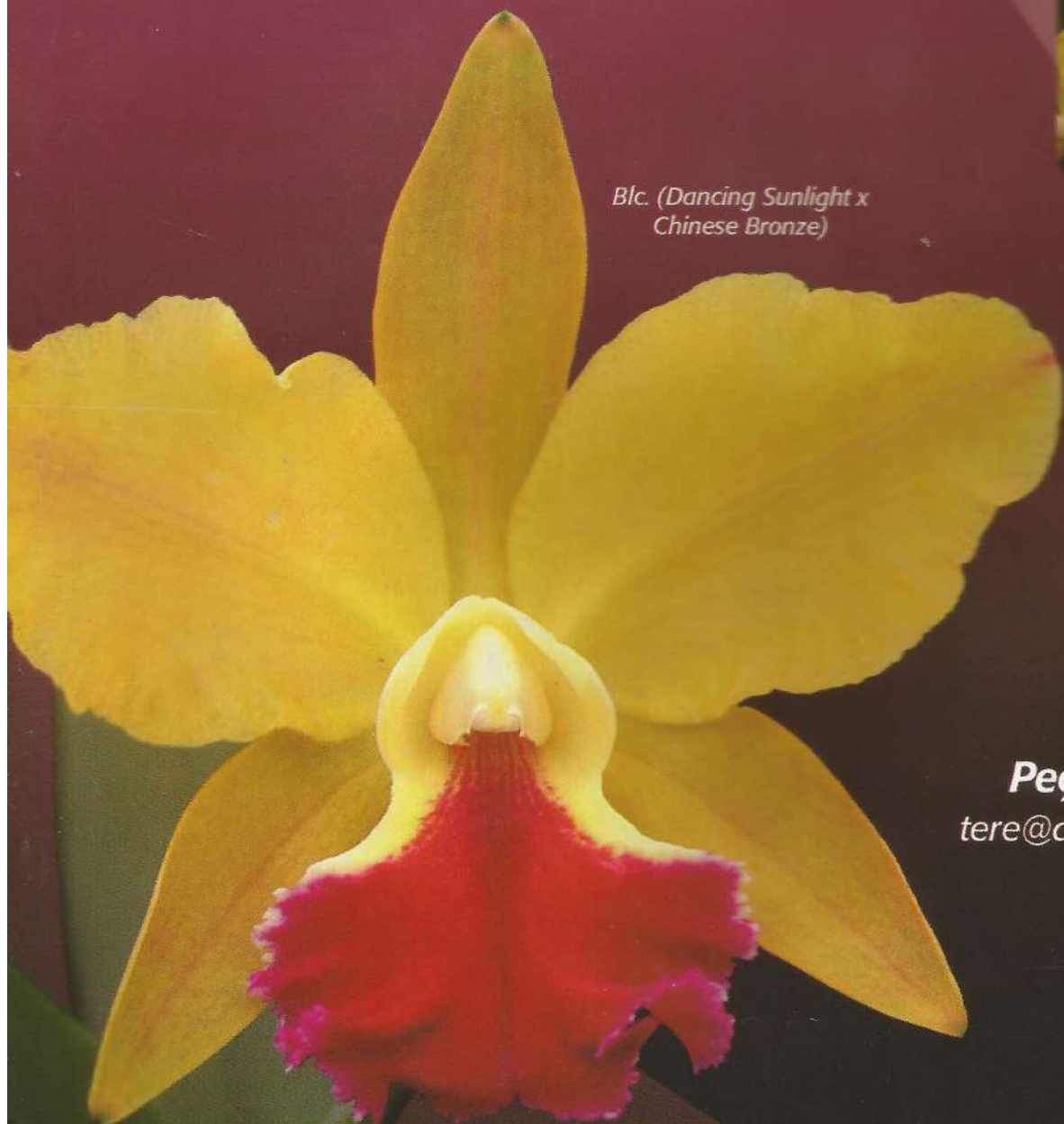


Oncidium Court Cascade



Blc. Chinese Bronze

*Blc. (Dancing Sunlight x
Chinese Bronze)*



Peça o seu !
tere@aranda.com.br

www.aranda.com.br